Revista Educação, Direito e Sociedade

ISSN 3086-2531

CULTURA DIGITAL E FORMAÇÃO DOCENTE: ENTRE OS DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OS LETRAMENTOS CRÍTICOS

DIGITAL CULTURE AND TEACHER EDUCATION: BETWEEN THE CHALLENGES OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND CRITICAL LITERACIES

CULTURA DIGITAL Y FORMACIÓN DOCENTE: ENTRE LOS DESAFÍOS DE LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y LOS LETRAMIENTOS CRÍTICOS

Leonarlley Rodrigo Silva Barbosa[1]
Girlene Rodrigues Barbosa Carneiro[2]
Núbia Maria Guimarães[3]
Márlon Henrique Cunha[4]

RESENHA

A obra "Cultura Digital, letramentos e inteligência artificial: perspectivas teóricas e enfrentamentos práticos na educação", organizada por Lilia Aparecida Costa Gonçalves, foi publicada em 2025 pela Editora Pontocom. O livro reúne onze capítulos com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). O conteúdo abordado é de suma importância, pois a educação é atravessada pelas tecnologias digitais, pelos letramentos e, principalmente, pela inteligência artificial generativa (IAG), objeto de intensos debates nos últimos anos. A obra, que reúne várias pesquisas, experiências e análises teóricas com o intuito de problematizar como têm sido usadas as tecnologias dentro da escola, conta com a participação de pesquisadores e pesquisadoras, entre eles pós-doutores, doutores, doutorandos, mestres e mestrandos.

No prefácio, Kátia Cristina do Amaral Tavares nos convida a refletir sobre a educação contemporânea, compreendida como um campo em constante reinvenção e como espaço de diálogo, marcada pela presença crescente das tecnologias digitais e da inteligência artificial. A

[1] Doutorando em Educação na Universidade Federal de Catalão, Catalão, GO, Brasil. E-mail: leonarlleyrodrigo@hotmail.com
[2] Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Catalão, Catalão, GO, Brasil. E-mail: girodrigues2902@gmail.com
[3] Mestranda em Educação na Universidade Federal de Catalão, Catalão, GO, Brasil. E-mail: nubiaguimaraes39@gmail.com
[4] Mestrando em Educação na Universidade Federal de Catalão, Catalão, GO, Brasil. E-mail: marlonhcunha@hotmail.com

ISSN 3086-2531

prefaciadora explica que tal assunto se tornou mais intenso após a pandemia, já que o digital passou a ocupar o centro das práticas educativas. Também alerta sobre o risco de naturalizar discursos tecnicistas e reforça que a inteligência artificial deve ser pensada a partir da mediação humana, ou seja, defende uma apropriação crítica, ética e consciente.

Na apresentação, a organizadora do *e-book* explica que a obra foi resultado do projeto "Tecnologias, Educação e Inovação", que contou com o apoio financeiro da FAPERJ. O objetivo da publicação da obra foi fomentar os debates críticos e análises empíricas sobre os impactos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na área da educação no período da pandemia e o surgimento da IAG.

O primeiro capítulo, "Juventude e cultura digital: o uso de videoaulas na reflexão sobre o sentido da escola de Ensino Médio", de Filippo Cortez Giovanelli e Silvana Soares de Araújo Mesquita, relata uma pesquisa com estudantes da rede privada do Rio de Janeiro sobre como eles relacionam as tecnologias no período pós-pandemia de 2022, como se dá o processo de ensino-aprendizagem a partir do uso de videoaulas e quais sentidos dão ao Ensino Médio com a crescente digitalização. A pesquisa aborda a cultura digital como uma reestruturação social e questiona o conceito de "nativos digitais". Evidencia ainda que as videoaulas são utilizadas de modo utilitarista e complementar ao ensino presencial. Os dados mostram que os jovens já tinham o hábito de assistir a videoaulas, mas que isso se intensificou no Ensino Médio devido à preparação para o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Neste capítulo, a contribuição mais importante é a desmistificação do mito "nativos digitais", pois evidencia que o acesso técnico não garante letramento digital crítico. Além disso, a pesquisa empírica com os jovens revela que eles preferem vídeos curtos e acelerados para memorização rápida dos conteúdos. Entretanto, os resultados não podem ser generalizados para outros contextos educacionais, especialmente para as escolas públicas. Seria interessante realizar uma pesquisa em escolas públicas e privadas e identificar o que há de comum e de diferente entre os dois contextos escolares. Esse capítulo conecta-se ao capítulo dois, que discute o uso meramente técnico das ferramentas digitais.

O segundo capítulo, "Leitura *on* ou *off?:* reflexões sobre o uso das tecnologias digitais em sala de aula", de Fabio Vicente Gonçalves de Queiroz e Tamara de Souza Campos, realiza uma análise crítica sobre como estão sendo utilizadas as tecnologias digitais na educação brasileira. A motivação para a pesquisa decorreu da recente decisão da Suécia de recuar, depois

ISSN 3086-2531

de trinta anos, na digitalização integral do ensino devido à queda no desempenho de leitura das crianças, bem como da percepção dos especialistas sobre os benefícios do livro impresso para o desenvolvimento cognitivo. Os autores comparam a realidade sueca com a do Brasil e questionam se a inserção das tecnologias digitais seria suficiente para resolver o problema do analfabetismo funcional e das dificuldades de leitura no país, ou se as TDICs representariam apenas uma falsa ideia de modernização. Criticam ainda a forma técnica como estão sendo inseridas as tecnologias na educação, em detrimento de uma formação crítica, humana e social dos estudantes. Baseiam-se em Paulo Freire para pensar as tecnologias como forma de contribuir para a aprendizagem, a participação e autonomia dos estudantes e defendem que a tecnologia deve ser mediada pelo professor e estar a serviço de uma educação mais humana, crítica e significativa, ou seja, ir para além da instrumentalização e dos interesses do mercado da tecnologia educacional.

O capítulo não propõe a rejeição das tecnologias, mas questiona sua adoção sem objetivos pedagógicos claros, formação docente e reflexão sobre suas implicações humanas e sociais. Sua principal contribuição é a crítica ao "neotecnicismo pedagógico", que consiste no uso das TDICs nas políticas educacionais sem uma formação humanista e crítica. Apesar de oferecer uma reflexão crítica relevante, o capítulo poderia ser fortalecido pela inclusão de dados empíricos sobre como as tecnologias estão sendo utilizadas nas escolas brasileiras, bem como de informações sobre as condições de trabalho e formação dos professores, uma vez que a ausência de tempo, infraestrutura e acompanhamento pedagógico pode favorecer usos meramente instrumentais das TDICs. São aspectos que podem ser explorados em pesquisas futuras.

O terceiro capítulo, intitulado "Espanhol na cibercultura: letramento digital crítico e o uso de *sites* e aplicativos como estratégia de ensino para/com acadêmicos", de Stella Alves Baptista e Edméa Santos, mostra como *sites,* aplicativos e ambientes virtuais podem ser usados de forma crítica no ensino superior, transcendendo o uso técnico das ferramentas. As autoras discutem o conceito de letramento digital crítico, que envolve entender contextos sociais, culturais e políticos em que a língua circula, e defendem a adoção da expressão "língua adicional" em vez de "língua estrangeira", pois entendem que os estudantes já têm um conhecimento prévio da língua estudada, obtido a partir de discursos, valores, relações de poder e práticas culturais presentes nos ambientes digitais. Ferramentas como *Zoom, WhatsApp, blog,*

ISSN 3086-2531

Google Docs, Wordwall e *Mentimeter* foram utilizadas para promover atividades interativas, colaborativas e reflexivas.

A principal contribuição do capítulo consiste em demonstrar, por meio de uma experiência pedagógica, que as tecnologias digitais podem favorecer práticas de autoria, colaboração e reflexão crítica no ensino de línguas, mostrando que seu uso pode ir além do domínio operacional das ferramentas. A expressão "língua adicional" em lugar de "língua estrangeira" reconhece que os estudantes, ao entrar em contato com outro idioma, já possuem repertórios linguísticos, culturais e experiências vividas que podem ser mobilizados no processo de aprendizagem. Entretanto, por envolver apenas seis acadêmicos, os resultados estão vinculados a um contexto específico e não podem ser generalizados para outras turmas ou instituições. Ao mesmo tempo, o número reduzido de participantes pode ter possibilitado um acompanhamento mais próximo das interações e das produções dos estudantes. A realização de experiências semelhantes com grupos maiores, em diferentes instituições e contextos formativos, poderia ampliar a compreensão sobre as potencialidades e os desafios dessa abordagem no ensino de línguas adicionais.

O quarto capítulo, "Critérios de análise para aplicativos de línguas estrangeiras", de Márcio Luiz Corrêa Vilaça e Lilia Aparecida Costa Gonçalves, apresenta uma discussão sobre a crescente presença dos aplicativos digitais no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e a necessidade de critérios específicos para sua análise e utilização. Os autores destacam que a ampla oferta dessas ferramentas exige uma avaliação que ultrapasse impressões superficiais, considerando aspectos pedagógicos, tecnológicos e linguísticos. O texto diferencia os processos de análise e avaliação dos aplicativos, demonstrando que a análise busca compreender características, objetivos, potencialidades e limitações dos recursos, enquanto a avaliação procura verificar sua qualidade e adequação ao contexto de uso. São discutidos critérios como clareza dos conteúdos, usabilidade, interação, acessibilidade, privacidade dos usuários e adequação às habilidades linguísticas trabalhadas. Os autores também ressaltam a importância da elaboração de roteiros sistemáticos de análise, capazes de orientar escolhas mais críticas e conscientes, contribuindo para experiências de aprendizagem mais significativas.

A principal contribuição do capítulo está na sistematização de critérios que auxiliam o professor a realizar uma curadoria mais crítica e fundamentada de aplicativos educacionais, evitando escolhas baseadas apenas na popularidade, na aparência ou na facilidade de uso. O

ISSN 3086-2531

roteiro proposto fortalece a autonomia docente ao permitir que a escolha dos aplicativos esteja vinculada aos objetivos de aprendizagem, ao perfil dos estudantes e às condições concretas de uso, evitando decisões baseadas apenas no apelo tecnológico das ferramentas. Ao incluir dimensões como acessibilidade e privacidade, os autores também demonstram que a qualidade de um aplicativo não pode ser reduzida ao seu funcionamento técnico. Considerando o avanço recente das inteligências artificiais generativas, os critérios propostos pelo capítulo também poderiam ser atualizados e ampliados para contemplar recursos baseados em IA generativa.

O quinto capítulo, "Aprendizagem de línguas mediada por tecnologias digitais e Ensino Remoto Emergencial: percepções de discentes de Letras e perspectivas para o pós-pandemia", de Cíntia Regina Lacerda Rabello, discute a aprendizagem de línguas por meio das tecnologias digitais no contexto do Ensino Remoto Emergencial implementado durante a pandemia de covid-19. A autora aborda o campo da Aprendizagem de Línguas Mediada por Computador (CALL) e destaca que, embora esse campo esteja consolidado há décadas, ainda existem lacunas na formação de professores e estudantes de cursos de Letras quanto ao uso pedagógico dessas tecnologias. O estudo apresenta percepções dos discentes acerca das potencialidades e dificuldades enfrentadas durante esse período, evidenciando aspectos como ampliação do acesso a materiais, novas formas de interação, desenvolvimento da autonomia e possibilidades de aprendizagem, mas também desafios relacionados ao excesso de atividades, adaptação ao ambiente virtual, limitações tecnológicas e impactos emocionais. O capítulo reforça a necessidade de uma formação docente contínua que possibilite a integração crítica e planejada das tecnologias ao ensino.

Uma das principais contribuições do capítulo é dar visibilidade às experiências dos estudantes, mostrando que as tecnologias podem ampliar a aprendizagem, mas também intensificar desigualdades e sobrecargas quando utilizadas sem planejamento e formação adequada. O texto ainda evidencia a pouca presença da CALL nos currículos de Letras e defende uma integração crítica e planejada das tecnologias à formação docente. Os relatos de cansaço, excesso de tempo de tela e impactos emocionais causados pelas novas tecnologias, abordados de forma superficial no texto, indicam que a saúde mental pode ser uma questão relevante para pesquisas futuras.

O sexto capítulo, "As perspectivas e os dilemas entre inteligência artificial e seu uso na Educação: uma breve revisão da literatura", de Dhara Santos Mendes, Jorge Luiz Pereira Pontes

ISSN 3086-2531

e Eduardo S. Junqueira, apresenta uma análise sobre o avanço da inteligência artificial (IA) e seus impactos no contexto educacional. Os autores discutem como as tecnologias baseadas em IA vêm transformando processos de ensino e aprendizagem, oferecendo possibilidades relacionadas à personalização do ensino, otimização de tarefas e desenvolvimento de novas metodologias pedagógicas. Entretanto, o texto também problematiza questões ligadas à ética, ao plágio, à formação docente e à possível substituição de práticas humanas por sistemas automatizados. A revisão da literatura evidencia que, embora a inteligência artificial apresente potencial para ampliar oportunidades educacionais, sua utilização requer uma abordagem crítica, contextualizada e responsável. Os autores concluem que a tecnologia deve ser entendida como instrumento de apoio ao trabalho docente e não como substituta do papel do professor na construção do conhecimento.

O capítulo apresenta uma visão equilibrada sobre a IA na educação e reafirma a importância da mediação docente. Entretanto, poderia aprofundar questões como proteção de dados, vieses algorítmicos e formação crítica dos professores, já que essas ferramentas podem reproduzir informações incorretas e preconceitos, e suas respostas não são neutras nem necessariamente verdadeiras.

O sétimo capítulo da obra, intitulado *"Intelligent Computer-Assisted Language Learning e Pronunciation Training:* uma nova era de aprendizagem adaptativa, autônoma e personalizada", de Cláudia Rebello dos Santos, discute a evolução do ensino da pronúncia mediado por tecnologias digitais, dos laboratórios de idiomas aos sistemas baseados em IA. A autora analisa as potencialidades e os limites das ferramentas *Intelligent Computer-Assisted Language Learning* (ICALL) e *Intelligent Computer-Assisted Pronunciation Training* (ICAPT), que analisam a fala do estudante, identificam dificuldades e oferecem orientações de melhoria quase instantaneamente, além de citar outras ferramentas que usam a IA para criar situações de conversação e oferecer *feedback* sobre pronúncia, fluência e comunicação. Porém, a autora aponta limites, como precisão parcial do sistema e valorização excessiva do padrão nativo. Defende-se que o foco do ensino de pronúncia deva ser a inteligibilidade e o respeito aos diferentes tipos de sotaque.

Um ponto forte desse capítulo é defender a inteligibilidade e a aceitação de sotaques, ou seja, que não precisamos falar necessariamente como os nativos. É um dado interessante, pois carregamos em nós nosso modo de falar e características linguísticas, o que valoriza nossas

ISSN 3086-2531

singularidades enquanto sujeitos de fala, sem apagar a identidade linguística. Isso pode estimular uma reflexão sobre a criação de materiais ICAPT específicos para valorizar o sotaque dos brasileiros. Evidencia-se assim a importância de, em pesquisas futuras, não tratar o sotaque como erro e aprofundar como esses sistemas influenciam o reconhecimento e a avaliação de diferentes sotaques. O sétimo capítulo dialoga com o terceiro ao defender um ensino de línguas mediado por tecnologias que valorize a diversidade linguística e a identidade dos estudantes. Enquanto o terceiro capítulo aborda o letramento digital crítico, o sétimo questiona a valorização excessiva da pronúncia nativa. Ambos evidenciam que as tecnologias não são neutras, pois podem reproduzir padrões linguísticos excludentes. Por isso, seu uso deve ser acompanhado de uma mediação pedagógica crítica, que respeite os diferentes sotaques, as culturas e as formas de expressão dos estudantes.

O oitavo capítulo, "Quem tem medo de Inteligência Artificial? Conversa com/sobre IA na educação e preocupações docentes com seu uso", de Janaina da Silva Cardoso, relata uma experiência em coautoria com o ChatGPT para discutir os impactos da IA na educação. A pesquisadora aponta algumas preocupações dos professores, como o medo de serem substituídos pela ferramenta, a perda de autonomia pedagógica e a desumanização do ensino. Em sua conclusão, destaca que a IA deve ser vista como uma ferramenta complementar e sustenta que, para superar tais medos, é necessário investimento em formação docente crítica, bem como suporte institucional adequado.

Esse capítulo dialoga especialmente com o sexto, pois ambos defendem que a IA deve assumir o papel de copiloto, sendo uma ferramenta complementar na educação e não um instrumento de terceirização do trabalho humano. Além disso, oferecem uma contribuição metodológica ao "entrevistar" a própria ferramenta e confrontar respostas com a literatura acadêmica. Uma discussão para aprofundar seria como a IA responde às questões e onde ela busca tais respostas, visto que, de acordo com a pesquisa, a IA não apresenta fontes, ou seja, ela fornece a resposta sem indicar de onde as informações foram retiradas. Dessa forma, a pessoa que interage com a ferramenta não sabe se o conteúdo está correto, incompleto, atualizado ou se é baseado em estudos confiáveis. Por isso, há necessidade de professores e pesquisadores verificarem as informações fornecidas pela IA e analisar em criticamente seus limites éticos.

O nono capítulo, intitulado "Letramentos digitais e inteligência artificial generativa na

ISSN 3086-2531

formação docente: habilidades essenciais para compreensão, análise e aplicação nas práticas de ensino", é de autoria de Roberta Santana Barroso, Eliana Crispim França e Carlos Henrique Medeiros de Souza. Os pesquisadores exploram os letramentos digitais na formação continuada de professores com o intuito de capacitá-los para integrar a IAG de modo crítico, criativo e ético nas suas práticas pedagógicas. Nesse estudo, são apontados os benefícios da IA para a educação, como a personalização do ensino, do currículo, da avaliação e do engajamento dos estudantes e a criação de materiais didáticos diversos. Em contrapartida, foram citados problemas, como a resistência de alguns docentes à mudança, a insuficiência de infraestrutura e a desigualdade no acesso às tecnologias. A pesquisa aponta que a formação continuada é um caminho para a integração da IA.

O capítulo dialoga com o sexto e o oitavo, pois reafirma que a IA deve complementar a mediação docente, ser acompanhada de formação crítica e condições institucionais adequadas. Sua contribuição apresenta quatro pilares do letramento digital, o tecnológico, o cognitivo, o social e o crítico, para o uso criativo e responsável da IAG pelos docentes. Outro ponto positivo do texto é o alinhamento da discussão às diretrizes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e aos princípios éticos propostos pela *Microsoft,* pois amplia o debate para além do uso técnico das ferramentas. Isso pode auxiliar as discussões futuras a aprofundar como essas dimensões seriam desenvolvidas em experiências concretas de formação continuada.

O décimo capítulo, "Ensino de tradução e tecnologia: um relato de experiência no par inglês/português", de Giovana Cordeiro Campos, discute a relação entre tradução e tecnologia ao longo da história, destacando como as inovações tecnológicas transformaram tanto as práticas tradutórias quanto o ensino da tradução. A autora apresenta um relato de experiência em que o uso da IA foi incorporado ao processo de aprendizagem da tradução literária. Durante a experiência, os estudantes produziram traduções de trechos do conto "Bernice bobs her hair", de F. Scott Fitzgerald, primeiro sem auxílio de IA e depois utilizando *chatbots.* A experiência revelou a importância do pensamento crítico, da revisão humana e do letramento digital no ensino da tradução, demonstrando que a IA deve ser complementar e não substituta do tradutor humano.

A contribuição desse capítulo está na comparação entre traduções feitas sem e com a IA, além de identificar "alucinações" e traduções literais inadequadas. Isso reforça a proposta,

ISSN 3086-2531

defendida pelos capítulos sexto e oitavo, de que a IA deve atuar como ferramenta, complemento, sendo necessária a revisão humana e a criticidade ao analisar os materiais oferecidos por uma IA generativa.

Por fim, o décimo primeiro capítulo, "Integração da inteligência artificial na Educação: foco nas percepções dos professores", de Lilia Aparecida Costa Gonçalves, informa que a IAG tem provocado profundas transformações sociais e educacionais, redefinindo a forma como indivíduos interagem e produzem conhecimento. Por isso, torna-se importante o letramento em IA e a formação continuada de professores para a integração responsável da IA nas práticas pedagógicas. A partir de uma pesquisa realizada com docentes, identificou-se a necessidade de domínio conceitual e técnico, compreensão crítica e ética, atualização contínua e entendimento das implicações da IA no processo educativo, reforçando que a tecnologia deve atuar como ferramenta de apoio e ampliação das capacidades humanas, sem substituir o papel do professor no ensino-aprendizagem.

Esse capítulo encerra a obra retomando questões discutidas anteriormente, como a ampliação das capacidades humanas, o apoio ao trabalho pedagógico e a imprescindibilidade da mediação docente. Sua contribuição está na organização das necessidades formativas e na defesa de uma abordagem multidimensional, ou seja, uma formação sobre a IA, para a IA e com a IA. Trata-se de uma abordagem relevante, pois há um uso crescente da IAG por professores na produção de materiais pedagógicos, sem compreensão de seus limites, fontes e possíveis vieses. Em diálogo com os demais capítulos da obra, esse capítulo final contribui para a formulação de propostas de formação inicial e continuada voltadas para o letramento em IA.

Em conclusão, pode-se dizer que o *e-book* "Cultura Digital, letramentos e inteligência artificial: perspectivas teóricas e enfrentamentos práticos na educação" contribui para o debate contemporâneo sobre cultura digital, letramentos e inteligência artificial ao reunir reflexões teóricas e experiências educacionais relacionadas à formação docente, ensino de línguas e integração crítica às tecnologias.

Em conjunto, os capítulos defendem que as ferramentas abordadas devem ser usadas de modo crítico, ético e pedagógico, transcendendo o uso técnico, e sustentam que, por mais sofisticada que seja a ferramenta, o olhar humano ainda é insubstituível n a análise e validação das informações recebidas.

ISSN 3086-2531

Um dos pontos fortes da obra consiste na reunião de estudos teóricos, revisões de literatura, relatos de experiência e pesquisa com professores e estudantes que embasam seus capítulos. Essa diversidade oferece elementos para a reflexão e para o planejamento de práticas pedagógicas mais consistentes, embora nem todos os capítulos apresentem o mesmo nível de aprofundamento ou aplicabilidade. Os autores apontam que, para integrar as IAs e as TDICs, é indispensável uma formação continuada crítica, que capacite os professores para serem curadores e guias éticos.

Como limite, observa-se que algumas pesquisas estão vinculadas a grupos reduzidos e contextos específicos, enquanto certas discussões permanecem mais gerais ou teóricas. Falta um maior aprofundamento em temas como proteção de dados, vieses algorítmicos, desigualdades de acesso às tecnologias, entre outros. São assuntos que poderão ser discutidos em pesquisas futuras.

Estudar, pesquisar e ler sobre esse tema é crucial para a inclusão dessas ferramentas com respeito, ética e responsabilidade. Diante da rápida transformação das tecnologias digitais, a obra apresenta uma discussão atual e necessária para compreender os seus efeitos na área da educação. A obra pode ajudar a subsidiar processos de formação inicial e continuada, bem como discussões coletivas sobre o uso pedagógico, crítico e ético das tecnologias. Sua leitura, portanto, é pertinente para aqueles que desejam compreender melhor o uso das TDICs e das IAs nesses últimos anos.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Lilia Aparecida Costa (org.). **Cultura digital, letramentos e inteligência artificial:** perspectivas teóricas e enfrentamentos práticos na educação. São Paulo: Editora Pontocom, 2025. Disponível em: https://www.editorapontocom.com.br/l/81/Cultura-digital%2C-letramentos-e-intelig%C3%AAncia-artificial. Acesso em: 12 maio 2026.

Recebido em: 20/05/2026.
Aceito em: 14/08/2026.